

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

PÁGINAS INÉDITAS DE FÉLIX ALVES PEREIRA.

(sem indicação de autor)

Ano: 1939 | Número: 49

Como citar este documento:

(sem indicação de autor), Páginas Inéditas de Félix Alves Pereira. *Revista de Guimarães*, 49 (1-2) Jan.-Jun. 1939, p. 35-41.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Páginas inéditas de Félix Alves Pereira

(Cont. do vol. anterior, pág. 282)

4. Entradas das casas e recintos

a) Forma, dimensões e labores da soleira

Na minha visita à estação de Briteiros registei no meu caderno as seguintes soleiras ou limiares:

A que a fig. 6 representa. Estava no seu lugar próprio, fazendo degrau de uma casa quadrada para outra e esta ligada a uma terceira para a qual se descia da praça por dois degraus, onde a porta parecia ter 1^m de desvão.

Para o próprio M. Sarmento, havia por vezes dificuldade em distinguir uma soleira de uma padieira. Parece que nunca Sarmento teria tido a ventura arqueológica de encontrar a vêrga de uma entrada no seu lugar; o desbarato das construções era tal que as paredes se encontravam desmoronadas até pequena altura do solo, e nem assim em algumas habitações se encontravam vestígios das entradas.

Assim a fig. 7 representa uma pedra que deve talvez considerar-se uma padieira, atenta a sua pequena

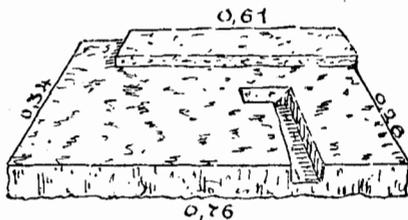


Fig. 6

espessura de 0,18, mas que sendo assim não oferece nos lados externos das duas cavidades angulares uma zona de apoio sobre os umbrais ou tranqueiros, a não ser que se suponha que a aplicação dessas cavidades não tivesse sido simultânea, mas sucessiva.

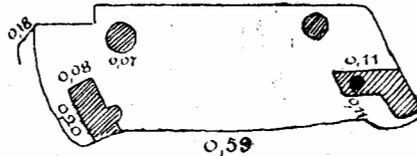


Fig. 7.

O fragmento reproduzido na fig. 8 tanto podia

ter servido a padieira como a soleira. A cavidade era quadrada, com um ângulo reentrante em esquadria, mas os cantos do buraco eram redondos.

Outro grande fragmento representa-o a fig. 9. Note-se a saliência junto da cavidade do coução.

Apontei mais duas pedras completas, que figuro com os n.ºs 10 e 11, e que me parecem ter sido aplicadas, a primeira a uma porta de um batente, outra a porta de dois batentes. Em ambas se notam as características saliências. Para Sarmiento, as pedras com cavidades quadrangulares são soleiras. Essas cavidades eram preenchidas por uma peça de madeira com seu buraco redondo, onde entrava o espigão do coução (*Rev. de Guimarães,*

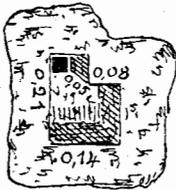


Fig. 8

XXII, 9); era por isso, continua o pensamento do explorador da Citânia, que a cavidade era mais funda para um lado, tomando até a forma circular. Estas pedras eram mais provavelmente soleiras. A pedra da fig. 11 é muito semelhante a uma que a *Rev. de Guimarães* refere no vol. XXI, p. 49, e de que o Sr. M. Cardoso me enviou um esboço feito por desenho e fotografia de M. Sarmiento.

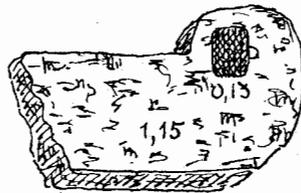


Fig. 9

Eu julgo que as saliências que acompanham as

cavidades, além de constituírem saliências na própria parede da habitação, estavam voltadas para o interior das habitações;

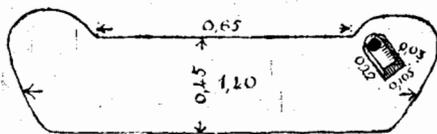


Fig. 10

é certo que nas ruínas da Citânia pude observar uma outra pedra (soleira?), em que o trabalho da face dessa

saliência era feito intencionalmente com diferente técnica da parte restante; mas não sucederia o mesmo se essa parte estivesse dentro da casa?

Deve notar-se também que os lados maiores destas figuras, geomètricamente consideradas, são rectilíneos e não curvos.

No vol. XXIII, p. ..., da *Rev. de Guimarães*, dá-nos M. Sarmento um desenho que se bem o compreendo significa que a soleira tinha a face frontal rectilínea mas saliente sôbre o pavimento da construção, ainda que esta tivesse planta curva.

Percorramos agora o Museu com intuito de estudar estes dois elementos das portadas das habitações.

Há uma porta restaurada, cuja padieira ostenta o nome do habitante da casa (*Coroneri Camali domus*).

A soleira está representada na fig. 12. As medidas abrangem apenas a parte descoberta.

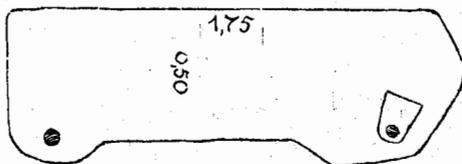


Fig. 11

Note-se aqui a curvatura da face externa, a qual curvatura corresponde à da casa.

Esta padieira não foi encontrada em porta alguma; mas em uma rua (*Revista de Guimarães*, XXII, 5).

Em uma casa que observei na Citânia, a soleira tinha o comprimento de 0,75, mas talvez faltasse algo. Algumas padieiras (?) só tinham a cavidade quadrada de um lado, o que corresponderia a um único bafente.

Na soleira da fig. 12 note-se a cavidade do coução

à direita e a saliência que a acompanha do lado interno da habitação. Estes restos são da Citânia.

No *Castro de Santa Olaia*, S. Rocha encontrou uma soleira com a espessura do muro na largura dela (0,40) e o comprimento de 0,70.

De Sabroso há uma casa reconstruída, mas a porta não tem soleira; fotografei o conjunto; interessam mais os umbrais, de que me ocupo adiante.

Percorrendo os diários das escavações na estação de Briteiros, publicados na *Revista de Guimarães* (vol. XX, pág. 5), notar-se-á a indecisão em que

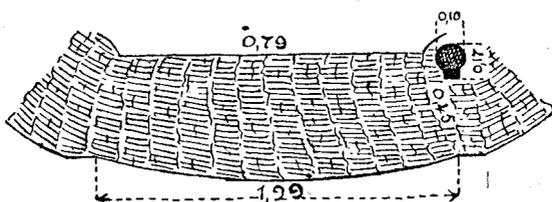


Fig. 12

M. Sarmiento ficava diante de uma pedra que ora lhe parecia soleira, ora padieira. A pág. 7 diz: «aparecem noutras (entenda-se *casas*) mais pedras com cavidade, que devem ser para receber coução ou trancas de porta». Repete quási o mesmo de outra pedra a pág. 118 e 119.

Na pág. 113 dá Sarmiento o desenho de uma pedra incompleta em que se vê um entalho estreito, aberto em face plana e em volta a pedra contorna em arco de círculo; pergunta como comentário: «E' para receber coução de porta? Não sei.»

Durante o trabalho das escavações das ruínas do ópido da Citânia, M. Sarmiento hesitava na explicação das cavidades que se notavam em algumas pedras que faziam evidentemente parte das entradas das habitações. A pedra paralelepipedica referida na *Revista de Guimarães* (XXI, 62), com o comprimento de 1,^m10, espessura de 0,22 e largura de 0,55, tinha junto de uma extremidade uma mecha quadrangular com buraco circular no fundo daquela. Um taco de madeira ocuparia a cavidade quadrilonga; o coução da porta penetraria

no buraco redondo. Mas com tam pequena espessura, esta pedra poderia ser soleira? Não me parece.

Nas *Observações à Citânia*, pág. . . ., diz M. Sarmiento que encontrou algumas soleiras no seu lugar e ao nível do pavimento, como noutra altura também refiro, mas a maior parte ficava a 4 ou 5 palmos acima do chão.

A. Belino, referindo-se não só às ruínas de Santa Luzia mas ainda às de Briteiros (*Aurora do Lima*, 7019 ou 7027), esclarece que há soleiras apenas 1 palmo acima do solo e são as que ficam protegidas da invasão das águas por qualquer parede da vedação dos bairros.

b) Forma, dimensões e labores da padieira

Uma das padieiras que me prenderam mais a atenção no Museu de Guimarães, e é proveniente da estação de Briteiros, foi a que a fig. 13 representa.

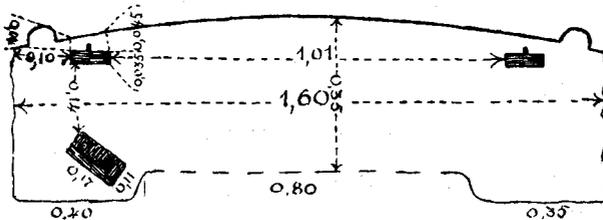


Fig. 13

A pedra é uma grande cantaria aparelhada na face externa, com um toro horizontal que nas extremidades dobra em ângulo sensivelmente recto na direcção do solo e naturalmente para descer ao longo das umbreiras. A face da frente é levemente convexa para coincidir com a curvatura de uma casa circular, o que não permite, me parece, que possa ter errada atribuição. O mesmo sucede com a padieira da porta restaurada da Cidade de Ancora, e existente no Museu de Guimarães, tanto na curvatura da face como na disposição do toro, que na porta de Ancora é representado por um torçal.

O toro não é de secção semicircular, mas abatido. A 2.^a figura representa a face inferior desta padieira.

Vê-se que junto de uma das duas saliências terminais se cavou um encaixe rectangular, cujo eixo maior forma um ângulo oblíquo com o próprio eixo longitudinal da pedra e que sem dúvida servia para alojamento da couceira da porta, provavelmente com o intermédio de um taco de madeira. Essa cavidade está reforçada por uma saliência na pedra, que tem na outra extremidade o seu parêlho, apenas ao que parece por simetria. O mesmo se nota na padieira da portada de Ancora.

Junto da face frontal da padieira, e ainda na mesma face inferior, vêem-se dois estreitos entalhos situados do lado interno dos dois ramos do toro decorativo supradito. O destino dessas cavidades era decerto o de alojarem gatos metálicos, ou de madeira, para sólida ligação e ajustamento das duas umbreiras com a padieira.

Em uma padieira do palácio de Micenas havia dos dois lados buracos quadrados onde cravavam umbreiras de pau. ¿Seria, pois, para alizares de madeira?

De menos óbvia explicação me parecem os dois pequenos cortes em ângulo diedro agudo, que os dois pequenos entalhos sofreram na face voltada para a frente da padieira. Seriam para acunhamento dos próprios gatos? Creio que sim, o que me faz também presumir que, se as cunhas eram de ferro, os gatos poderiam ser de madeira. Não tive notícia do aparecimento das umbreiras que pertencessem a esta portada e portanto exhibissem os entalhos correspondentes aos da padieira.

Não devem passar despercebidas as reduzidas dimensões de todos estes elementos da construção desta porta; para o vão da entrada ficam apenas 0,80 ou o máximo 0,90, sendo de 1,01 a distância entre as mechas dos gatos ou espigões de encaixe.

Apesar das características desta pedra, M. Sarmiento ainda duvidava nas *Observações* se seria soleira ou não, embora afirmasse que as cavidades não eram decerto para coucillos.

Nas duas figuras que junto, vão expressas as me-

didadas, que apenas divergem (e nem tôdas) em fracções de centímetros das enviadas pelo Sr. Mário Cardoso, a quem agradeço penhorado as claras indicações sobre dúvidas no confronto do meu desenho com o da *Rev. de Guimarães* (XXI, 15), onde M. Sarmento também presume ser a pedra um pedestal. A leve obtusidade que notei no meu apontamento e de que parecia resultar uma porta trapezoidal, existe apenas nas faixas lisas que o canteiro deixou aos lados dos ramos verticais do toro e que tem, segundo a mensuração do Sr. M. Cardoso, 0,04 e 0,06 do lado esquerdo da padieira e 0,04 e 0,05 do lado direito da mesma.

A redacção das notas de M. Sarmento, tal como foi publicada no referido vol. da *Rev. de Guimarães*, parece permitir a interpretação de que a casa a que pertencia esta padieira era, quadrilonga mas redonda nos lados menores, e em um dêstes seria a entrada; e quanto ás pedras rameadas que apareceram dentro e fora, elas ornariam as paredes a modo de pilastras. Mas ainda M. Sarmento encontrou aí uma pedra com parte de uma inscrição, pedra que parece ser uma verdadeira tabuleta do dono da casa ou oficina: *Camalus* (*Rev. de Guim.*, XVIII, p. 43, n.º VIII). Pertencerá à mesma portada? Para isso seria necessário que apresentasse a frente encurvada.

(Continua).